



Manifesto do PPRI

EUA acirram sua ofensiva intervencionista sobre a Venezuela visando impor um governo próprio pela força



 São mais de 50 os assassinados por ataques militares da força militar norte-americana deslocada sobre as costas venezuelanas. O combate ao "narcoterrorismo" não passa de mentira que serve ao objetivo de derrocar o regime chavista. A execução sumária de civis acusados por "narcotráfico" visa provocar uma resposta que justifique a intervenção armada em solo venezuelano. A decisão de dar um cheque em branco à CIA para realizar operações em solo venezuelano constituem uma declaração cínica de que já existe a decisão de derrubar Maduro. Trata-se da mesma CIA que criou "cartéis de drogas" ou fez acordos com esses visando financiar suas operações e, assim, justificar o intervencionismo imperialista em territórios

soberanos de países semicoloniais. Não é por acaso que as capacidades militares dos EUA deslocadas no Caribe são os preparativos de uma ação bélica, caso a pressão e ameaças sobre o chavismo não tenham o resultado almejado. Se bem as forças se consideram insuficientes para uma invasão, são consideráveis para fazer ataques pontuais ou tomar posse de recursos ou militarizar as jazidas, a exemplo do Esequibo. Nos fatos, os EUA declararam a guerra à Venezuela sem a formalidade de uma declaração pública. O ataque ao Irã aplicando as mesmas manobras deixam claro que não há freios à cobiça imperialista para a submissão das nações oprimidas.

Como comprovou um informe da ONU, Venezuela não desempenha qualquer papel no

comércio de fentanil ou pela cocaína que entra nos EUA. Equador e Paraguai, dentro dos aliados dos EUA, são responsáveis por parte desse transporte e comércio. Portanto, o objetivo da falácia criada ao redor da Venezuela é pressionar por uma ruptura nas Forças Armadas. Disso trata a ameaça de Trump de bombardear aeroportos, bases e portos militares venezuelanos.

É nesse quadro que Corina Machado foi retribuída pelo imperialismo com o prêmio Nobel da Paz por propagandear o intervencionismo imperialista e trabalhar pelo golpe contra o chavismo. Machado foi premiada, precisamente, para servir de cobertura à intervenção imperialista disfarçada de defesa da democracia negada pela "ditadura", e para fortalecer e

incentivar as ações golpistas da oposição. Trata-se de garantir, sob direção da direita golpista, as condições para uma guerra civil que justifique a intervenção militar externa em defesa da “população civil”. A golpista deve servir aos EUA como serviu no passado o títere Juan Guaidó às tentativas de desestabilização interna. Portanto, premiou-se seu entreguismo, como premia-se Noboa (presidente do Equador) e Milei (presidente da Argentina) com apoio por servir à militarização da América Latina em favor dos interesses estadunidenses.

Cada vez fica mais evidente – e inocultável – que a “guerra contra as drogas” imperialista não passa de justificativa para a militarização do continente e garantir aos EUA operar mudanças de governos e derrubar regimes que entravam seu agressivo expansionismo. A chacina no Rio de Janeiro do mês passado teve por conteúdo o mesmo discurso que a administração republicana publicita em seu combate ao chavismo. As mudanças de regime e governos - seja pelas eleições, seja pelas intervenções – são parte da estratégia imperialista de submeter ao controle dos EUA as riquezas naturais da América Latina, removendo os governos que ensaiam limitadas medidas protetivas contra suas manobras intervencionistas. Trata-se de fazer das semicolônias do continente uma engrenagem ao serviço da luta travada pelos EUA contra Rússia visando a destruição das propriedades nacionalizadas pelas revoluções proletárias, derrubar as burocracias herdeiras do estalinismo e, desse modo, desmembrar seus países, os transformando em semicolônias e recompor parte das forças produtivas destruídas sob controle de seus monopólios para dar uma sobrevida conjuntural ao

capitalismo que apodrece.

Dezenas de milhões de venezuelanos se acham dispostos a estar do lado do governo e combater e resistir a qualquer ação imperialista em defesa de sua nação. Certo é também que milhões de venezuelanos têm ilusões na possibilidade de enriquecer ou garantir suas condições de vida individualmente atordoados pelas ilusões de ascensão social que lhes promete a “democracia” ditada pelo imperialismo, de forma que estão dispostos a entregar de bandeja a soberania e riquezas do país para alcançar esse objetivo. Essa divisão no interior do país reflete que deve ser tomada em conta ao momento de estabelecer uma linha e uma tática política pelos revolucionários. Por baixo das máscaras políticas e da retórica da qual se sirvam essas forças, acha-se o choque da nação oprimida contra seus opressores. Os marxistas têm o dever (e obrigação) de se apoiar na fração das massas que encarnam a defesa da nação oprimida e apoiar resolutamente medidas de armamento dessas, exigindo *“que a direção política e comando militar das milícias devem passar às mãos das organizações de massas”* visando desse modo as constituir em *“uma força social capaz de defender a nação contra o imperialismo - sem se submeter ao controle e comando da burguesia e seu estado”*. Deve-se educar *“o proletariado, os camponeses e demais oprimidos a confiar apenas em suas forças e organizações, preparando condições para que a derrota do imperialismo abra caminho à estratégia proletária”* pela tomada do poder das mãos o nacionalismo-burguês impotente e fracassado.

Essa formulação citada acima do Manifesto nº 81 do PPRI (“Venezuela sob ameaça do intervencionismo”, publicado em 2 de setembro de 2025) cor-

responde ao real conteúdo da tática leninista de apoio incondicional à luta da nação oprimida e seu direito a decidir por se mesmas o destino de sua nação e de seu governo. *“É parte dessa tática frentista exigir a unidade de ação das organizações e sindicatos operários e camponeses da América por cima das fronteiras nacionais, contra o inimigo comum, e a defesa dos Estados Operários (ainda que degenerados) dos ataques do imperialismo.”*

É necessário dizer ainda que a “tática” de combater Maduro em meio ao cerco dos EUA, como defendem criminosos que se reivindicam do trotskismo, é trabalhar pela vitória do imperialismo. Defender a nação oprimida significa, na atual situação criada, combater junto do governo contra o imperialismo, sem, contudo, apoiar a política e os objetivos do nacional-reformismo. Essa orientação está presente nas Teses de Oriente redigidas por Lênin e continuam vigentes. Esse é o conteúdo da tática da frente única anti-imperialista: combater na trincheira da nação oprimida apesar das formas conjunturais de seu governo burguês de turno, pela vitória das massas e a derrota do imperialismo. Desviar delas é romper com a tática fixada pelos Quatro Primeiros Congressos da IC que permitem à vanguarda com consciência de classe penetrar no seio das massas para disputar com o nacionalismo-burguês e a burguesia nacional a direção política das massas. Mas, para isso é urgente que seja forjado seu partido revolucionário e reconstruída sua direção revolucionária mundial sobre esses princípios, métodos e táticas. Trata-se de não desviar nenhum milímetro do bolchevismo e dos fundamentos que forjaram sua prática revolucionária. A vanguarda marxista é obrigada a se apoiar nesse programa e métodos. ●